

# NOTICIÁRIO CRIMINAL: A REPRESENTAÇÃO DO MORRO DA FAVELA NAS PÁGINAS DOS IMPRESSOS CARIOCAS NA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XX

*CRIMINAL NEWS: THE REPRESENTATION OF THE MORRO DA FAVELA IN THE PAGES OF CARIOCA PRINTED IN THE FIRST DECADE OF THE 20<sup>TH</sup> CENTURY*

**Thiago Torres Medeiros da Silva<sup>1</sup>**  
Doutorando em História Social pela UFRRJ

**Resumo:** No presente artigo, analisaremos como o Morro da Favela era representado pelos jornais da cidade do Rio de Janeiro na primeira década do século XX. Desse modo, veremos como as grandes empresas jornalísticas se harmonizavam na maneira de descrever os habitantes da Favela. Independentemente das distintas orientações políticas, todos os periódicos da capital federal destacaram esta região como reduto da malandragem carioca. Especialmente, essa particularidade da imprensa tornava-se mais evidente quando os repórteres construía as narrativas sobre os crimes cometidos na Favela.

**Palavras-chave:** Morro da Favela; Imprensa; Rio de Janeiro.

**Abstract:** In the present article, we will analyze how the Morro da Favela was represented by the newspapers of the city of Rio de Janeiro in the first decade of the twentieth century. In this way, we will see how the big newspapers companies harmonized in the way of describing the population of Favela. Independently of the different political orientations, all the newspapers of the federal capital emphasized this region like redoubt of the marginality carioca. Especially, this particularity of the press became more evident when reporters constructed the narratives on the crimes committed in Favela.

**Keywords:** Morro da Favela; Press; Rio de Janeiro.

Os jornais da cidade do Rio de Janeiro nitidamente absolviam os maridos que assassinavam as esposas supostamente adúlteras. No entanto, quando havia um assassinato nos morros cariocas, sobretudo no Morro da Favela, a maneira de descrever o homicida era diametralmente oposta. De uma maneira geral, os

---

<sup>1</sup> E-mail: torres\_ufrj@hotmail.com.

impressos caracterizavam os protagonistas como indivíduos extremamente perigosos. No jornal *A Notícia* de 10 de janeiro de 1906, temos a seguinte descrição:

Serviu de teatro a essa sanguinolenta cena o tão celebre morro da Providência, onde inúmeros crimes têm sido cometidos, por servir ele de coito a indivíduos da pior espécie. Assim esse fato não trouxe o natural abalo aos moradores no morro citado, o que se produziria profundamente em qualquer outro bairro, por já estar a população dali afeita a casos idênticos e muitos até mais horripilantes.<sup>2</sup>

Através deste trecho, torna-se manifesto que o articulista tem por objetivo caracterizar o Morro da Favela como um local predisposto a abrigar criminosos e onde as cenas de sangue aconteciam com grande frequência. Além disso, o jornalista ressalta que os crimes ali perpetrados não chegavam a comover os moradores, pois a violência seria parte constitutiva do cotidiano da localidade. Por conseguinte, neste artigo pretendemos analisar como o Morro da Favela era representado pelos jornais da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX.

Segundo Ana Ottoni, ao longo das duas primeiras décadas do século XX, o Morro da Favela era, entre os morros da cidade, o lugar que mais atraía a atenção da imprensa.<sup>3</sup> A assertiva da autora está em conformidade com os resultados obtidos na presente pesquisa, pois, ao rastreamos o homicídio e a sua divulgação na imprensa, encontramos inúmeros casos que desabrocharam no referido morro.

Era principalmente no noticiário criminal que os jornais da cidade retratavam o Morro da Favela. No período inicial, quando estreou nas páginas impressas, este morro era visto mais como “um problema de segurança pública do que, propriamente, a expressão de um problema habitacional”.<sup>4</sup> Em outras palavras, através de um estilo moralizador, os jornalistas se preocupavam mais em destacar os

---

<sup>2</sup> “Ódio incontido”, **A Notícia**, 10/01/1906, p.2.

<sup>3</sup> Segundo Ottoni, o morro da Favela teve uma representatividade de 16 notícias, cerca de 53,4 % das notícias criminais consultadas. OTTONI, Ana Vasconcelos. **“O paraíso dos ladrões”: crime e criminosos nas reportagens policiais da imprensa (Rio de Janeiro, 1900-1920)**. Tese de Doutorado em História, PPGH/UFF, 2012, p.116.

<sup>4</sup> MATTOS, Romulo Costa. **Pelos pobres! As campanhas pela construção de habitações populares e o discurso sobre as favelas na Primeira República**. Tese de Doutorado em História, PPGH/UFF, 2008, p. 129.

crimes ocorridos nesta região do que problematizar os fatores que fomentavam o novo tipo de vivenda que ali se tornava característica.

Romulo Mattos aponta que essa forma de habitação poderia ser percebida apenas como construções provisórias na paisagem urbana da Capital Federal. Até porque neste momento o governo estava mais preocupado em combater outro tipo de morada característica das classes populares, isto é, as habitações coletivas. As casas de cômodos, cortiços e estalagens situadas nas ruas centrais representavam "formas mais antigas e emblemáticas de um Rio de Janeiro imperial".<sup>5</sup> Em consequência, essas construções foram vorazmente destruídas no alvorecer da recente República.

A condenação destas instalações escondia um ressentimento das classes dominantes. Isso porque nos tempos do Império, os cortiços<sup>6</sup> eram habitados por uma parcela da população escrava. Ali os escravos estabeleciam relações de solidariedade que possibilitavam muitas vezes "realizar o sonho de comprar a alforria a seus senhores; e, é claro, misturar-se à população variada de um cortiço podia ser um ótimo esconderijo, caso houvesse a opção pela fuga".<sup>7</sup> É provável que a luta dos negros pela liberdade, segundo Chalhoub, "teve a ver com a histeria do poder público contra tais habitações e seus moradores".<sup>8</sup>

A partir do início do século XX, o Morro da Favela, juntamente com o Morro de Santo Antônio, se tornou central no debate em torno da discussão da pobreza na imprensa. Se no século XIX havia uma forte tendência dos periódicos em condenar as instalações precárias dos cortiços encravados nas ruas principais, na alvorada da centúria seguinte, os morros da cidade haviam catalisado a atenção das folhas cariocas.<sup>9</sup>

---

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> De acordo com Chalhoub, cortiço era o "termo que as autoridades sanitárias passaram a utilizar quando desejavam estigmatizar em definitivo determinada habitação coletiva". CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril. Cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.40.

<sup>7</sup> Ibidem, p.28-29.

<sup>8</sup> Idem.

<sup>9</sup> MATTOS, Romulo Costa. **Pelos pobres!** Op., Cit., p. 143-144.

Após a demolição do cortiço mais famoso deste período, o *Cabeça de Porco*, em 1893, os seus moradores, segundo nos informa Chalhoub, de posse do material retirado dos escombros, ergueram algumas casinhas precárias no morro que existia nos fundos do cortiço e que já era povoado neste período. Coincidentemente, esta era a colina que vulgarmente ficou conhecida como o Morro da Favela. Inclusive, Chalhoub observa que “uma das proprietárias possuía lotes naquelas encostas, podendo assim até manter alguns de seus inquilinos”.<sup>10</sup> Vemos que este processo de estigmatização da Favela foi um desdobramento do processo de combate aos cortiços de final do século XIX.

De qualquer forma, o noticiário criminal foi o principal veículo de elaboração de um discurso sobre o Morro da Favela nos jornais.<sup>11</sup> O vocabulário utilizado na confecção dos relatos nos permite vislumbrar que os jornalistas enxergavam esta localidade como um ambiente intensamente povoado pelas “classes perigosas” da capital federal.<sup>12</sup>

Ao contrário do que imaginava anteriormente, esse morro não foi o primeiro a ser condenado pelos impressos. Isso porque a crítica à existência de habitações precárias nas encostas da cidade teve como “alvo inicial o Morro de Santo Antônio”.<sup>13</sup> Contudo, gradativamente o Morro da Favela alcançou o protagonismo ao se destacar nas matérias dos jornais da Capital Federal. Em especial, encontramos uma notícia que estimava a sua população no período subsequente às reformas urbanas. Segundo o repórter do *Jornal do Brasil* não seria “exagero dar ao Morro da Favela uma população de 2.000 almas”.<sup>14</sup>

Os morros de Santo Antônio e da Favela, eram compreendidos, segundo entendiam os responsáveis pelas reportagens, como os piores locais para se habitarem na capital da recente República. As moradias eram descritas de forma

---

<sup>10</sup> CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**. Op., Cit., p.17.

<sup>11</sup> Em pesquisa realizada na hemeroteca digital do sítio eletrônico da Biblioteca Nacional, encontramos a palavra *Morro da Favella* (sic.) principalmente no noticiário criminal. Entre os anos de 1900 a 1909, em 57% das ocorrências os periódicos da capital federal mencionaram este morro nas reportagens criminais.

<sup>12</sup> De acordo com Sydney Chalhoub, “classes perigosas” seria para os legisladores brasileiros uma expressão equivalente para as “classes pobres”. Ou seja, “o fato de ser pobre torna o indivíduo automaticamente perigoso à sociedade”. CHALHOUB, **Trabalho, Lar e Botequim**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p.76.

<sup>13</sup> MATTOS, Romulo Costa. **Pelos pobres!** Op., Cit., p.15.

<sup>14</sup> “Uma visita ao morro da Favela”, *Jornal do Brasil*, 12/06/1907, p.3.

semelhante ao que tinha sido pintado pelos cronistas e escritores que avaliaram o estado das habitações coletivas no final do século XIX. Contudo, há uma sensível diferença na maneira de descrever estes dois morros, pois ao passo que a Favela era compreendido pelos jornalistas como “o território por excelência das ‘classes perigosas’”, o Morro de Santo Antônio, por estar situado em pleno centro da cidade, era um alvo mais visado pelo governo no seu plano de remoção desse cenário da paisagem urbana da cidade.<sup>15</sup>

Apesar disso, no decorrer da primeira década do século XX, o Morro da Favela igualmente sofreria com as ameaças de despejo impostas pela prefeitura. A administração Pereira Passos foi marcada pela intensificação do discurso que criminalizava os habitantes deste morro. A partir desse momento, além de ser representado como um reduto clássico das “classes perigosas”, as narrativas presentes nos jornais cariocas passaram a dialogar “fartamente com a retórica sanitarista”.<sup>16</sup>

Além disso, outros acontecimentos contribuíram incisivamente para o vertiginoso aumento da repressão ao Morro da Favela nas páginas dos impressos. Romulo Mattos adverte que após a Revolta da Vacina os jornais da grande imprensa amplificaram as matérias sobre essa localidade e seus moradores.<sup>17</sup> Cabe frisar que esse morro estava localizado muito próximo à região portuária e que os bairros da Gamboa e Saúde haviam se notabilizado por abrigar grande número de populares que tenazmente se opuseram à campanha da vacinação obrigatória. Dito isto, nota-se que os jornais não conseguiram ocultar o ressentimento criado por estes episódios, sendo mais tarde empregada uma série de adjetivos que desqualificavam os habitantes dessas áreas.

De acordo com Romulo Mattos, no início do século XX a região portuária era mais mencionada pelos escritores brasileiros do que o Morro da Favela.<sup>18</sup> Contudo,

---

<sup>15</sup> MATTOS, Romulo Costa. **Pelos pobres!** Op., Cit., p.144.

<sup>16</sup> MATTOS, Romulo Costa. **A aldeia do mal. O Morro da Favela e a construção social das favelas na Primeira República.** Dissertação de Mestrado em História, 2004, p. 58.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 225.

<sup>18</sup> *Idem*.

no transcorrer da primeira década, a Favela passou a monopolizar o noticiário criminal da cidade. Vale ressaltar que até mesmo quando a cena de sangue não tinha sido perpetrada nesta localidade os jornalistas mencionavam o Morro da Favela no momento da composição da notícia. Trago este relato como exemplo:

O morro do salgueiro, no Andaraí Grande, é uma espécie de Morro da Favela. Raro é o dia em que aquele local não forneça, pelo menos, um fato à polícia da 13ª circunscrição urbana. Apesar de ter-se tornado tenebroso aquele morro, a polícia o deixa em completo abandono. É um perigo passar-se por ali: ninguém está salvo de ser agredido nas desertas e mal iluminadas ruas que cortam o morro.<sup>19</sup>

Ao estabelecer uma analogia entre estes morros, o repórter do *Correio da Manhã* reforça o argumento de que a Favela era um ambiente marcado pela criminalidade, onde a segurança e a lei não encontravam amparo. Em particular, o mais interessante nesta matéria é que os assassinatos não necessitavam ter o seu desfecho nesse morro para que discursos similares a esses emergissem nos jornais. Este fato revela o quanto a Favela esteve constantemente representada nas páginas dos principais periódicos, sobretudo nas matérias que versavam sobre os acontecimentos criminais da cidade.

Essa passagem também ilustra o início do longo processo que culminou na substantivação do vocábulo "favela", ou seja, o instante em que essa palavra deixou de se referir exclusivamente ao Morro da Favela e passou também a abarcar os demais morros que abrigavam em sua extensão casebres e barrocões construídos precariamente. De acordo com Romulo Mattos, o uso do termo favela se generalizou na década de 1920,<sup>20</sup> porém, como podemos perceber, os jornalistas estabeleceram algumas conexões entre estas distintas localidades ainda nos primeiros anos do século XX.

Em determinadas circunstâncias, segundo Ana Ottoni, a imprensa caracterizava os habitantes do Morro da Favela como extremamente perniciosos para o ambiente

---

<sup>19</sup> "Namorado sanguinário", *Correio da Manhã*, 07/07/1906, p.4.

<sup>20</sup> MATTOS, Rômulo. **A aldeia do mal**. Op., Cit., p. 13.

social e detentores de um comportamento agressivo simplesmente por residirem nesse morro. Assim sendo, os moradores da localidade que haviam cometido delitos de pequena gravidade eram descritos de forma similar aos que haviam perpetrados crimes horrendos.<sup>21</sup> Além disso, a estigmatização dos habitantes do Morro da Favela se estendia até mesmo aos indivíduos que não haviam cometido qualquer infração penal.

Uma matéria em especial dá conta de ilustrar o que estamos sugerindo. Trata-se de um caso típico de disputa amorosa, algo muito presente nas páginas dos periódicos do período. Entretanto, ao contrário dos conflitos amorosos envolvendo os moradores de outros bairros da cidade, o repórter descreveu este episódio carregado de conotações negativas.

Segundo o jornalista, dois homens disputavam o coração da mesma mulher. A luta se desenrolara de forma tão agressiva que dificilmente um dos litigantes sairia com vida da batalha. Enquanto os rivais se digladiavam, a mulher assistia ao desenlace do conflito. Neste momento, poderíamos imaginar que ela estivesse apreensiva e aterrorizada com tamanha brutalidade. Contudo, o jornalista defende um ponto de vista inverso: "Amélia viu a luta acostada à parede rebocada do seu casebre da Favela, com aquele sorriso canalha, peculiar a gente de sua 'nobre estirpe'".<sup>22</sup>

Ao que nos parece, muito possivelmente o repórter não esteve presente no momento da contenda. Com o fito de criar o efeito sensacional, os jornalistas, segundo nos informa Ana Porto, frequentemente imaginavam atos e faziam referência a algo que podia ter acontecido a um personagem.<sup>23</sup> Neste caso em específico, o repórter se aproveitou deste recurso para estigmatizar o comportamento dos participantes da cena de sangue. Em especial, isso se torna mais evidente na parte em que o jornalista descreve a reação da mulher ao ser disputada pelos dois amantes. Isso nos revela que os jornais construía seus relatos sobre o

---

<sup>21</sup> OTTONI, Ana Vasconcelos. "**O paraíso dos ladrões**". Op., Cit., p. 123-124.

<sup>22</sup> "A cavalaria na Favela", **O Paiz**, 09/11/10, p.6.

<sup>23</sup> PORTO, Ana Gomes. **Novelas sangrentas: literatura de crime no Brasil, (1870-1920)**. Tese de Doutorado em História, UNICAMP, 2009, p.165.

morro da Favela levando em consideração ideias preconcebidas sobre seus habitantes não se preocupando em averiguar as diferentes possibilidades de interpretação de um determinado episódio. Dessa forma, mesmo que a imprensa pretendesse informar a população sobre os fatos criminais ocorridos na cidade, era justamente nestas reportagens que os jornalistas destacavam sua opinião em relação aos mesmos acontecimentos.<sup>24</sup>

Com a divulgação de julgamentos similares aos mencionados; os periódicos, como indicou Lucas Pereira, desempenhavam um “papel importante na formação e consolidação de representações de mundo e, ao mesmo tempo, na criação de efeitos de verdade, estimulando a atenção da população ao criar acontecimentos”.<sup>25</sup> Por conseguinte, acreditamos que o grande destaque dado pelos jornais aos crimes ocorridos no Morro da Favela fazia parte da estratégia adotada pelos grupos que visivelmente ambicionavam maiores interferências nesta localidade.<sup>26</sup>

Nesse sentido, os jornalistas seriam disseminadores desses ideais, sendo a eles incumbida a tarefa de legitimação destas propostas em um círculo social mais amplo. Em parte, isso explicaria o fato dos jornalistas elegerem algumas medidas, antes mesmo de narrarem o crime, que objetivavam dirimir o desenvolvimento da marginalidade nesta região, tais como pedidos de melhorias no policiamento e, conseqüentemente, a intensificação da repressão ao morro da Favela.

Wanderson Bispo de Souza apresentou semelhante assertiva ao analisar a imprensa soteropolitana entre as décadas de 1940 e 1960. De acordo com o autor, o acréscimo nos pedidos de policiamento e coerção às camadas populares desnudava a intenção dos periódicos em difundir o medo na sociedade baiana. Deste modo, ao instituir o terror com a divulgação dos crimes, os periódicos angariavam o respaldo

---

<sup>24</sup> OTTONI, Ana Vasconcelos. “O paraíso dos ladrões”. Op., Cit., p. 33-34.

<sup>25</sup> PEREIRA, Lucas Carvalho Soares de Aguiar. **Sociabilidades e moralização dos costumes: os guardas civis e a experiência do policiamento do meretrício em Belo Horizonte. (1928-1934)**. História e Perspectivas, Uberlândia (49):41-68, Jul./Dez., 2013. p.62.

<sup>26</sup> Não podemos subestimar o poder de atração dessas narrativas para o público leitor e ouvinte. Deste modo, o destaque dado aos crimes na Favela poderia ser um reflexo da demanda imposta pelos próprios populares. Contudo, a maneira de abordar essa localidade sugere que os jornais representavam os interesses daqueles que clamavam por interferência governamental.

necessário para legitimar as "intervenções urbanas contra os criminosos, cujo objetivo era manter distante e sob controle aqueles considerados os indesejáveis".<sup>27</sup>

Nota-se que a tentativa de imposição de uma ordem social era sedimentada por diferentes agentes e foi gestada em distintas épocas nos principais centros urbanos brasileiros. No que se refere à cidade do Rio de Janeiro, esse processo se intensificou ainda nos primeiros anos do século XX e, como podemos perceber, a imprensa carioca foi um importante veículo de divulgação do projeto de reforma orquestrado pela prefeitura.

A introdução de uma reportagem sobre um assassinato ocorrido no Morro da Favela dimensiona bem esta faceta da imprensa carioca,

É forçoso dizer-se, porém, que o pessoal que ali reside, na sua maioria indivíduos de má nota e positivamente vagabundos e desordeiros, tem-se mantido sempre em atitude ameaçadora contra qualquer autoridade que ousa andar por lá. Isso aconteceu não há muito tempo, por ocasião de um despejo que ali pretendeu executar a higiene. Os moradores do morro, esses temíveis facínoras da Favela, insurgiram-se contra os mandatários do despejo, obrigando-os a não terminar a diligência. Nessa ocasião propalou-se o boato de que o morro da Favela seria evacuado, entrando em função a higiene com os poderosos corrosivos e desinfetantes e simultaneamente a Prefeitura, com a picareta aguçada das demolições. Não se realizou esse importante melhoramento. O colosso da Favela lá está, gigantesco, à margem da Estrada de Ferro Central do Brasil. Como ele, estão bem firmes, as celebres palhoças e espeluncas. Da malandragem nem se fala: o pessoal, ao contrário, está aumentando em gênero e número.<sup>28</sup>

Este fragmento retirado de uma notícia sobre um assassinato ocorrido no Morro da Favela é bastante ilustrativo dos relatos que divulgavam os crimes desabrochados na localidade. Ao analisarmos o noticiário referente ao homicídio nessa morro percebemos que as matérias apresentavam algumas características similares. Note-se que a semelhança existente entre os relatos tornava-se mais evidente no momento em que os repórteres iniciavam as narrativas.

<sup>27</sup> SOUZA, Wanderson Bispo de. **Nos labirintos da criminalidade: práticas de homicídios no cotidiano dos grupos subalternizados em Salvador (1940-1960)**. Dissertação de Mestrado, UNEB, 2010, p.115.

<sup>28</sup> "O samba da morte", **O Paiz**, 05/07/1909, p.3.

A partir do trecho selecionado, podemos observar que o jornalista já na primeiras linhas da reportagem articulou algumas considerações sobre o Morro da Favela. Segundo o repórter, a prefeitura não executou o plano de desapropriação e arrasamento deste morro. Dessa maneira, esta localidade permaneceu, ao longo da década, acumulando um montante expressivo de notícias de crimes sanguinolentos, tendo inclusive aumentado o recrutamento de criminosos ao longo do período.

Nota-se que o periodista insiste em representar o Morro da Favela como um território excessivamente povoado pelos indivíduos oriundos das chamadas “classes perigosas”. A parte da matéria que era responsável por transmitir este enunciado ao leitor era comumente conhecida como a “cabeça” da notícia. De acordo com Sidney Chalhoub, “cabeça” era definida como as considerações que precediam os relatos sobre os crimes.<sup>29</sup>

Esta estratégia redacional se singularizava por um filosofar marcadamente moralizante e que se contrapunha fortemente aos hábitos adquiridos pelos populares. Portanto, não caberia somente ao jornalista registrar a ocorrência que acarretou no homicídio, isto é, ele não se dedicava somente em relatar as prováveis motivações do assassino com a prática do crime, o estado da vítima e as diligências efetuadas pelas autoridades policiais para a captura do criminoso. Muitas vezes, o caráter sensacional destas narrativas já se manifestava ainda nessas linhas introdutórias.

No que diz respeito ao Morro da Favela, Romulo Mattos assegura que a primeira vez que a “cabeça” foi utilizada pelos jornalistas na composição do noticiário criminal foi no mês de maio de 1902.<sup>30</sup> Assim sendo, a partir dessa época, as reportagens sobre este morro foram editadas com a incorporação das extensas introduções moralizadoras que brutalizavam os indivíduos ali residentes.

Importante assinalar que esta forma de principiar os relatos posteriormente se articulava ao modo de retratar os acontecimentos que davam origem aos assassinatos. Em outras palavras, o estilo adotado na elaboração das “cabeças” se

---

<sup>29</sup> CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**. Op., Cit., p. 27.

<sup>30</sup> MATTOS, Romulo Costa. **A aldeia do mal**. Op., Cit., p. 36.

conservava inalterável no transcorrer dessas narrativas. Em geral, os repórteres desejavam que os consumidores dos periódicos adotassem o ponto de vista dessas matérias, ou seja, que estes visualizassem o quanto este morro estava envolvido com a marginalidade carioca ao se opor a qualquer tipo de intromissão externa.

Como já mencionamos, havia uma característica que predominava nos relatos envolvendo os crimes praticados no Morro da Favela. Em geral, antes de apresentar os pormenores dos crimes, os jornalistas construía uma exposição topográfica do morro. Com o fito de exemplificarmos a semelhança no modo de narrar os crimes cometidos na Favela, apresentaremos um outro periódico que também divulgou esse mesmo assassinato. O repórter, assim como o antecedente, antes de se dedicar a narrar a cena de sangue, teceu algumas considerações sobre a paisagem social da localidade:

A Favela, o reduto dos temerosos desordeiros e vagabundos, acaba, mais uma vez, de dar a nota assombrosa de um crime terrível e que para se chegar a um resultado proveitoso para a justiça, demandará de muita argúcia por parte da autoridade policial do 8º distrito. Como é sabido o morro da Favela é habitado, em sua quase totalidade, por indivíduos desordeiros e mulheres de vida alegre, da mais baixa espécie. É uma verdadeira Bastilha de bandidos.<sup>31</sup>

Esse jornalista também destacou os criminosos como sendo os principais moradores da localidade. Assim como no relato predecessor, o periodista descreve os habitantes da Favela empregando adjetivos que o desqualificavam enquanto cidadãos probos. Os homens eram em sua maioria vadios e desordeiros. Por sua vez, as mulheres seriam todas meretrizes. Ao ressaltarem que esta região era reduto da malandragem carioca, os repórteres utilizavam essas categorias na tentativa de influenciar o governo a adotar medidas repressoras contra o crime e, logo, sobre a Favela.

É bem verdade que essas mesmas medidas eram bem quistas pelo Poder Público e iam de encontro ao plano de modernização urbana introduzido na Capital Federal na primeira década do século XX. Dessa forma, não seria fantasioso

---

<sup>31</sup> "O samba da morte", **A Imprensa**, 05/07/1909, p.2.

acreditarmos que a estigmatização do Morro da Favela nas páginas dos jornais seria uma faceta desse projeto político. Isso nos indica que, em sua grande maioria, os interesses dos governantes eram compartilhados pelos jornalistas. Especialmente, essa particularidade da imprensa tornava-se mais evidente quando os repórteres construía as narrativas sobre os homicídios cometidos na Favela.

Uma medida interessante para combater o crime nesta localidade, segundo acreditavam alguns jornalistas, seria a utilização das “picaretas aguçadas” da prefeitura. Por meio da atuação destas, a capital da recente República poderia finalmente ficar livre dos habitantes da Favela e dos conflitos sangrentos que ali se desfechavam corriqueiramente. Assim sendo, nota-se que os periódicos não abordavam outros tipos de relações estabelecidas entre os habitantes deste morro, tais como as relações de sociabilidade, solidariedade e afetividade. Sobre esses laços construídos pouca atenção foi dispensada. Muito pelo contrário, os jornais se interessavam mais em destacar as práticas de crimes violentos e o expressivo aumento da criminalidade nessa região da cidade. Este fato evidencia um objetivo claro dos jornais cariocas do período: “transformar a sociedade, idealizando novos sujeitos tomando aqueles que fugiam desta idealização criminosos bárbaros e sanguinários e, não por acaso, a maioria estava entre as classes pobres da sociedade”<sup>32</sup>.

No início do século XX, O Morro da Favela foi uma alternativa encontrada pelos trabalhadores desalojados de suas moradias durante a reforma urbana empreendida pelo prefeito Pereira Passos<sup>33</sup>. De acordo com Claudia Míriam Quelhas Paixão, nos primeiros anos do século XX este morro logrou frustrar as pretensões do governo de controlar a totalidade do espaço urbano carioca. Isso quer dizer que a existência da Favela era uma afronta ao projeto urbanístico proposto, tendo inclusive

---

<sup>32</sup> PORTO, Ana Gomes. **Crime em letra de forma: sangue, gatunagem e um misterioso esqueleto na imprensa do prelúdio republicano**. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 2003, p.155.

<sup>33</sup> Antes disso, no final do século XIX, o Morro da Favela foi uma opção para os moradores dos cortiços que foram demolidos. Assim sendo, o desaparecimento dos cortiços, sobretudo o “cabeça de porco”, foi determinante para a vertiginosa ocupação do Morro da Favela. Sobre este processo ver: Chalhoub, Sidney. **A Cidade Febril**. Op., Cit.

se transmutado em um símbolo daquilo “que se pretendeu erradicar da cidade”<sup>34</sup>. Isso porque com a expulsão dos moradores de suas habitações situadas nas ruas centrais da Capital Federal, estes encontraram no Morro da Favela um local acessível para se reestabelecerem.

Vale lembrar que a ocupação desse morro se iniciou ainda no final do século XIX, e a escolha por habitarem essa localidade fazia parte de uma tática<sup>35</sup> de sobrevivência dos indivíduos que não possuíam os recursos necessários para se instalarem nas escassas e dispendiosas moradias situadas próximas ao centro econômico da cidade. Entretanto, foi sobretudo na primeira década do século XX que o Morro da Favela passou a acolher uma maior parcela dos indivíduos desalojados, alavancando consideravelmente o seu número de moradores. Segundo Cláudia Paixão, “a ocupação das encostas dos morros próximos ao centro, um espaço que ainda não havia sido alvo de controle, foi a resposta dos populares frente à ação interventora do governo”.<sup>36</sup>

De acordo com Oswaldo Porto Rocha, a origem deste tipo de ocupação se deu em virtude da confluência de alguns fatores. Em primeiro lugar, como já foi lembrada, a reforma de Pereira Passos que demoliu um número expressivo de habitações. Em consequência disso, a crescente valorização das residências que não foram derrubadas dificultava o acesso a uma nova moradia para os mais necessitados. Além disso, e não menos importante, a ineficácia dos transportes coletivos urbanos. Mesmo que os bondes já existissem, as tarifas eram muito elevadas, o que contribuía

---

<sup>34</sup> PAIXÃO, Cláudia Míriam Quelhas. **Rio de Janeiro e o morro do Castelo: populares, estratégias de vidas e hierarquias sociais (1904-1922)**. Dissertação de Mestrado, UFF, Niterói, 2008. p. 41.

<sup>35</sup> Chamo de tática, no sentido proposto por Michel de Certeau, uma “ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio [campo de atuação]. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de precisão e de convocação própria: a tática é movimento ‘dentro do campo de visão do inimigo’, como dizia Von Bullow, e no espaço por ele controlado”. CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994. p.100.

<sup>36</sup> PAIXÃO, Cláudia Míriam Quelhas. Op., cit., p. 41.

diretamente para que se elevasse o custo de vida do trabalhador caso eles optassem residir nas regiões mais afastadas do centro da cidade.<sup>37</sup>

Dessa forma, com a apresentação de tais fatores, podemos captar os reais motivos pelos quais uma parcela dos indivíduos desalojados elegeu o Morro da Favela como o sítio propício para o estabelecimento de sua moradia. Sendo assim, frente às muitas incertezas da época, estes moradores manejaram todos os recursos disponíveis para aumentarem a sua margem de segurança. Ou seja, em um período marcado por profundas transformações no organismo social, onde as dúvidas se multiplicavam, a escolha pela fixação da residência neste morro se apresentava como a solução mais ajustada ao seu meio de vida, além de permitir aos moradores um maior controle sobre o seu futuro.

Por seu turno, o governo, pretendendo obstruir a expansão da ocupação na localidade, mirou suas picaretas em direção ao Morro da Favela. É possível supor, pela pesquisa realizada, que a imprensa objetivava consolidar o projeto de reforma urbana empreendido nesse momento. Para alcançar essa meta seria imprescindível apresentar os moradores envolvidos nos conflitos sob uma óptica depreciativa.

Dessa maneira, o morro da Favela seria a antítese da clássica concepção que se tinha de uma cidade civilizada. Em grosso modo, um dos fatores que demarcaram o advento da civilização foi a introdução de um cabedal técnico-científico que pretendia racionalizar e planejar a forma de ocupação da cidade. Assim sendo, uma cidade civilizada seria aquela em que toda a sua extensão estivesse plenamente em conformidade com os preceitos higiênicos. Por sua vez, a Favela era vista como um dos lugares que mais contribuía para a existência das moléstias que assolavam a sociedade carioca. Além disso, essa área, como defendiam os periódicos, era predominantemente habitada por “indivíduos de má nota, sempre aptos para promover desordens”.<sup>38</sup>

---

<sup>37</sup> ROCHA, Oswaldo Porto. e, CARVALHO, Lia Aquino de. **A era das demolições. Cidade do Rio de Janeiro. 1870-1920/ Contribuição ao estudo das habitações populares. Rio de Janeiro 1886-1900.** 2ª edição. Rio de Janeiro, Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, 1995. p.95.

<sup>38</sup> “Cena de sangue”, **O Paiz**, 27/01/1906, p.2.

Isso nos mostra, como asseverou Robert Pechman, que “sem a barbárie, a civilização não faz sentido”.<sup>39</sup> Ou seja, em seu processo de significação estas categorias foram concebidas como antagônicas. Por conseguinte, a compreensão do que constitui a civilização torna-se inteligível quando se relaciona ao significado de barbárie. Uma “dialética amarra ambas as representações, definindo as condições sociais de sua constituição, isto é, o processo de construção das representações sobre a civilidade é a contraface do processo de construção do imaginário sobre a barbárie”.<sup>40</sup>

Tendo em vista esta lógica de funcionamento, a ferrenha crítica ao morro da Favela e aos habitantes que ali residiam alimentava o próprio projeto de reforma urbana arquitetada pelas classes dominantes. E a imprensa contribuía igualmente para atingir este objetivo com a divulgação dos assassinatos desenlaçados no morro.<sup>41</sup>

Além disso, vale ressaltar que os propositores do plano de remodelação da cidade procuraram se desvencilhar do caráter estritamente político contidos em tais mudanças. Para os governantes, mais benéfico seria que essas se apresentassem somente como um desdobramento do progresso científico. Isto é, as transformações urbanas seriam proporcionadas, sobretudo, pelo avanço verificado no campo científico com a descoberta e com o aprimoramento de novas formas de conhecimento e o incremento de tecnologias mais adiantadas.

No entanto, como adverte Robert Pechman, o “urbanismo como campo científico e, portanto, apolítico, é verdadeiramente um lugar de política, embora seus ‘inventores’ construam esse saber, justamente, no movimento de desfazer a política”.<sup>42</sup> Nesse sentido, sob a capa de uma suposta “neutralidade” o governo

---

<sup>39</sup> PECHMAN, Robert Moses. **Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista**, Tese de Doutorado em História, UNICAMP, 1999, p. 15.

<sup>40</sup> Idem.

<sup>41</sup> Romulo Mattos também destacou esse caráter dos jornais, pois, segundo o autor, no contexto das reformas urbanas ficou “evidente o objetivo da grande imprensa ao dar ênfase aos conflitos ocorridos na Favela”. MATTOS, Romulo Costa. **Pelos pobres!** Op., Cit., p.99.

<sup>42</sup> PECHMAN, Robert Moses. Op., cit., p. 371.

interferiu bruscamente na vida de um número expressivo de pessoas situadas nas camadas menos favorecidas da sociedade carioca.

A nosso ver, esta conjuntura apresentada na primeira década do século XX contribuiu incisivamente para a publicação de uma grande quantidade de matérias envolvendo os assassinatos ocorridos na Favela. Até meados da primeira década, o Morro da Favela não tinha passado por nenhum tipo de intervenção do Poder Público. As picaretas demolidoras não entraram em cena neste palco da cidade. Não obstante, esse era um desejo sedimentado pelos jornalistas e eles não se preocupavam em ocultá-los.

Deste modo, em um dos fragmentos extraídos de uma reportagem sobre homicídio no Morro da Favela, nota-se que o periodista dedicou um espaço no noticiário criminal para a apresentação e divulgação de argumentos que objetivavam validar a ingerência do Poder Público nesse morro. Poderíamos supor que essa característica seria apenas uma especificidade trazida por esta reportagem. Contudo, rastreamos inúmeras matérias que corroboram o que estamos sublinhando. Isto é, a presença maciça desses relatos nos impressos nos evidencia que os governos, tanto o municipal quanto o federal, sondaram expurgar esse morro da paisagem urbana carioca.<sup>43</sup>

Cabe frisar que a condenação das habitações da Favela era compartilhada por diferentes agentes. Inclusive, encontramos críticas ao morro no relatório do delegado de Santana. Em dezembro de 1903, Alfredo Santiago concluiu as investigações sobre um assassinato ocorrido na Favela. Neste relatório, a autoridade policial deveria sintetizar os acontecimentos que deram ensejo ao crime. Vejamos, no entanto, como o delegado introduziu a exposição dos fatos:

Um agrupamento de pardieiros infectos, sem condições higiênicas, vivendo em promiscuidade abjeta homens e mulheres da mais baixa estirpe, em ambiente de crime – é o Morro denominado da “Favela”. Ali naquele morro de difícil ascensão, cuja topografia do terreno

---

<sup>43</sup> “Operários despedidos”, *Correio da Manhã*, 05/06/1907, p.1; “Uma visita ao morro da Favela”, *Jornal do Brasil*, 12/06/1907, p.3; “Choupanas e choças”, *O Paiz*, 17/06/1907, p.2; “Nos bairros da pobreza”, *Correio da Manhã*, 26/08/1907, p.3.

torna-se impraticável um completo policiamento, cometem-se crimes frustrando, por vezes, a vigilância da autoridade, como este que ora vê-se nos presentes autos.<sup>44</sup>

Vemos que o delegado de Santana iniciou o relatório expondo sua opinião sobre o Morro da Favela. Assim, essa autoridade não se concentrou apenas em registrar a ocorrência, uma vez que ele denunciou o estado precário das instalações e o comportamento dos habitantes da localidade. Vale notar que essa maneira de introduzir a narrativa tinha estreita correlação com a imprensa carioca. Isso nos permite evidenciar uma interconexão entre o processo criminal e os jornais cariocas. Neste caso em especial, a autoridade policial compartilhou da mesma opinião que os repórteres policiais, isto é, ambos criminalizaram o comportamento dos moradores da Favela e denunciaram o estado das casas precariamente construídas.

Em conclusão, neste artigo analisamos as notícias dos crimes cometidos no afamado Morro da Favela durante a primeira década do século XX. Independente das distintas orientações políticas, vimos que os jornais cariocas representavam os moradores de maneira bastante similar, ou seja, todos eles descreviam os habitantes da localidade como sendo oriundos das "classes perigosas".

## Referências

### Fontes

#### Processo criminal:

Arquivo do Museu da Justiça do Estado do Rio de Janeiro. Réu: Francisco Honorato Bandeira, Ação: Homicídio; Ano: 1903.

### Jornais

*A Imprensa, A Notícia, Correio da Manhã, Jornal do Brasil, O Paiz.*

## Bibliografia

CERTEAU, Michel de. *"A beleza do morto"*, in: **Culturas no plural**. Campinas, Papyrus: 1995. pp 55-85.

---

<sup>44</sup> Arquivo do Museu da Justiça do Estado do Rio de Janeiro. Réu: Francisco Honorato Bandeira, Ação: Homicídio; Ano: 1903. f.17.

\_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1994.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril. Cortiços e epidemias na corte imperial.** São Paulo: Companhia das letras, 1996.

\_\_\_\_\_. **Trabalho, lar e botequim.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

MATTOS, Romulo Costa. **A aldeia do mal. O Morro da Favela e a construção social das favelas durante a Primeira República.** Dissertação de Mestrado em História, PPGH-UFF, 2004.

\_\_\_\_\_. **Pelos pobres! As campanhas pela construção de habitações populares e o discurso sobre as favelas na Primeira República.** Tese de Doutorado em História, PPGH-UFF, 2008.

OTTONI, Ana Vasconcelos. **"O paraíso dos ladrões": crime e criminosos nas reportagens policiais da imprensa (Rio de Janeiro, 1900-1920).** Tese de Doutorado em História, PPGH/UFF, 2012.

PAIXÃO, Cláudia Míriam Quelhas. **Rio de Janeiro e o morro do Castelo: populares, estratégias de vidas e hierarquias sociais (1904-1922).** Dissertação de Mestrado em História, PPGH/UFF, 2008.

PECHMAN, Robert Moses. **Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista.** Tese de Doutorado em História, FFCH/UNICAMP, 1999.

PEREIRA, Lucas Carvalho Soares de Aguiar. **Sociabilidades e moralização dos costumes: os guardas civis e a experiência do policiamento do meretrício em Belo Horizonte. (1928-1934).** História e Perspectivas, Uberlândia (49):41-68, Jul./Dez., 2013.

PORTO, Ana Gomes. **Crime em letra de forma: sangue, gatunagem e um misterioso esqueleto na imprensa do prelúdio republicano.** Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 2003.

\_\_\_\_\_. **Novelas sangrentas: literatura de crime no Brasil, (1870- 1920).** Tese de Doutorado em História, UNICAMP, 2009.

ROCHA, Oswaldo Porto. e, CARVALHO, Lia Aquino de. **A era das demolições. Cidade do Rio de Janeiro. 1870-1920 / Contribuição ao estudo das habitações populares. Rio de Janeiro 1886-1900.** 2ª edição. Rio de Janeiro, Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, 1995.

SOUZA, Wanderson Bispo de. **Nos labirintos da criminalidade: práticas de homicídios no cotidiano dos grupos subalternizados em Salvador (1940-1960).** Dissertação de Mestrado, UNEB, 2010.

Recebido em: 17/07/2017

Aprovado em: 20/08/2017